Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano XI • n. 341 • Uberaba/MG • Abril de 2008

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

51 anos sem Orlando Ferreira, o jornalista

MALDITO

Págs. 8 a 11

issuu-downloader.com

••• Carta ao leitor

Jornalismo e criatividade

Paulo Fernando Borges
3º período de Jonalismo

Jornais têm que ser criativos. E isso não é um luxo, mas uma condição essencial de nossa prática profissional. A imprensa tem uma função extremamente importante no desenvolvimento intelectual, social, econômico e cultural nas democracias. É através dos meios de comunicação que as pessoas interagem com os acontecimentos, novidades, decisões políticas e novas formas de cultura. Por isso, a imprensa tem que assumir a responsabilidade de buscar olhares criativos sobre os grandes problemas de nossa sociedade.

Nesta edição, temos o prazer de recuperar um pouco da história de Orlando Ferreira, o Doca; um jornalista que viveu e trabalhou em Uberaba e que provocou a inteligência da cidade ao publicar críticas contudentes sobre a realidade local. Odiado por muitos, menosprezado por alguns mas respeitado secretamente até por seus maiores inimigos, Doca conseguiu, através do jornalismo, fazer com que os leitores se encorajassem a criticar a cidade a partir de pontos de vista radicalmente autênticos.

Imprensa tem que assumir a responsabilidade de buscar olhares criativos sobre os problemas de nossa sociedade

Neste ano em que comemoramos o bicentenário da imprensa no Brasil, recuperar a memória de Orlando Ferreira – um homem que viu sua obra sendo censurada e incinerada pela igreja local – é um dever de todo cidadão que acredita nos valores da liberdade de expressão.

••• Experiências narrativas

Coisas que o Brasil não descobriu

Joyce Nayara Rodrigues
3º período de Jornalismo

Desfazem-se nas vogais do Brasil as analogias da gafieira e as inutilidades parlamentares. Eis que é chegada a hora das repetições e das sete mortes televisivas.E quando cismam de pegar a laço um fato, tratam de transformá-lo logo na notícia mais divulgada, no acontecimento mais comentado, e nos obrigam a digerir nos canais apáticos todo aquele sensacionalismo glamourosamente barato.

Soube que o jornalismo brasileiro anda às tantas com as revoluções e as conjunturas políticas. Mas permitam-me a mudança brusca de assunto. Lembrei-me de uma politicagem importante, já que abril foi-se há pouco e ainda deixou o calendário quente. No mês das descobertas, nossos patrícios mal sabiam o que os esperava quando desembarcaram na costa baiana. Todas as delícias da Terra. A pele colorida e pronta. Suada e nua, salgada e viva. A belezura do brasileiro dilatou as pupilas gringas e a madeira resistente dessas bandas foi um convite às instalações luxuosas.

Admiração, fascínio, escambo e escravidão nas páginas da história do descobrimento. O que mais intriga nessa relação de achados e perdidos é a veracidade do contador de histórias.

Questionamentos à parte, há muitas coisas que qualquer "brazuca" possivelmente despercebido ou desinformado ainda não viu. O sorriso de Elisa enquanto ela limpa o salão de reuniões da Associação dos Fornecedores de Cana – e, diga-se de passagem, a cana que está no país desde a colonização. A cantoria dos idosos da "Feliz Idade" durante a despedida de amigos e o artesanato legítimo do Garimpo das Artes. Os filmes censurados pela ditadura e as curiosas cenas consideradas inescrupulosas que sequer chegam minimamente aos pés das enroscas novelísticas.

Ah, se o país soubesse de como a vida é tão fartamente mísera e apaixonante... Talvez prestasse mais atenção no impacto das atividades econômicas no meio ambiente.

Poucos conhecem o lar mais afetuoso de certa cidadezinha afamada Garimpo. Porém, certo dia quis eu dar-me a chance de ser feliz de verdade e, na mais incrível descoberta pessoal, percebi a comunhão de vinte e duas crianças que não pediram nada, a não ser minutinhos da minha atenção. Fragmentos do meu abraço e palavrinhas soltas da minha boca.

A verdade é que cada brasileiro ainda não reconheceu seu território e não compreendeu que há muito mais que uma sétima arte. E o chorinho conhecido ainda está na tristeza. Quem sabe sonhar ainda desconhece o samba e, na roda da vida, quem gira é moleque. Frevo ainda é bagunça dentro de casa e toda a ignorância da massa é raiz que germina no povo o futuro do nada. Sem arte, sem letra, sem melodia, num tom de esquecimento.

Se eu não pesquisasse e não te contasse, mal saberíamos que em abril tem tanto a se comemorar. É dia do Jovem, tem dia internacional do livro infantil, tem homenagem para a Força Aérea Brasileira, dia dos Correios, do combate ao câncer e dia mundial da saúde.

Mas tem algo mais. Confuso, mas lindo. Certas coisas que o Brasil ainda não parou para ver. Eu gosto de guardá-las comigo, que nem papel de bala quando é de alguém especial. E para o jornalismo deixo toda a tarefa difícil: informar sem corromper, democratizar e reconstruir o social de uma nação que se afunda na cratera da indiferença...

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiárias (diagramação e edição): Camila Cantóia Dorna e Marília Cândido Lopes ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva e Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• Internet: www.revelacaoonline.uniube.br ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

●●● Quarto poder?

Reflexões sobre os 200 anos de imprensa no Brasil

Jornais se tornaram espaços imprescindíveis para a construção da cidadania

Adijovani Santos
3º período de Jornalismo

Em 13 de maio de 1808, no Rio de janeiro, nascia por decreto do príncipe regente Dom João VI a Impressão Régia. Surgia assim a imprensa no Brasil. Inicialmente, o objetivo era imprimir todos os atos administrativos do governo. Nesse mesmo ano, surgiram os primeiros jornais brasileiros: *Correio Brasiliense* (1º julho) e *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro). O *Correio Brasiliense* era produzido na Inglaterra e teve como fundador José Hipólito da Costa, exilado em Londres, que possuía grande prestígio junto à sociedade do Rio de Janeiro. Já o *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal impresso no Brasil e era o jornal oficial da corte brasileira.

Porém, naquela época, o país possuía uma população analfabeta em sua maioria e os jornais tinham tiragens limitadas de 200 a 500 exemplares. Não era a população excluída que os jornalistas viam envolvidas na luta pelos interesses do Brasil. Com a partida de D. João VI para Lisboa, em abril de 1821, a imprensa teve papel fundamental na convocação de uma nova constituinte. Os jornais *Correio do Rio de Janeiro*, O *Tamoio* e o *Sentinela da Praia Grande* fizeram violenta campanha contra os portugueses e o imperador D. Pedro I, pela proclamação da independência.

Surgem os jornais

A imprensa brasileira viveu grandes turbulências após a proclamação da independência. O ministro do Reino, José Bonifácio, perseguiu violentamente seus opositores, principalmente jornalistas. O jornal *Malagueta Extraordinária* criticou duramente a falta de liberdade de imprensa e o abuso de poder do governo. Augusto May, dono do jornal, foi espancado em sua própria casa em retaliação às publicações. A situação tornou-se mais grave com o espancamento do jornalista David Pamplona, obrigando D. Pedro a dissolver a assembléia constituinte dando força à imprensa. O jornalista Cipriano Barata foi quem mais se destacou nessa época de conflitos, que teve a participação de grandes escritores da literatura brasileira.

A partir da independência, os jornais começam a aparecer. Em 1823, surge o *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo em circulação até hoje no Brasil. Quatro anos mais tarde, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, surge para disputar com o pernambucano a hegemonia da publicação impressa.

Em 1855 começaram a surgir grandes jornais e revistas no Brasil: *Brasil Ilustrado* (1855), *O Diário do Rio de Janeiro* (1857), *A República* (1870), *Correio Paulistano* (1870), *Revista Ilustrada* (1876). Nessa época, o país já estava repleto de jornais em todo seu território. Em 16 de novembro de 1889, um dia após a proclamação da república, o jornal republicano, "A Província de São Paulo", publicou em sua capa: "Viva a República". Desde então passou a se chamar "O Estado de São Paulo". O primeiro jornal a ser editado em cores foi o "Gazeta de Notícias", no Rio de Janeiro, em 1907. A partir desse período, a imprensa brasileira assumiu um papel de grande influência na sociedade brasileira e foram surgindo os grandes jornais: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*.

Reprodução

O jornalista e diplomata Hipólito José da Costa é considerado o precursor da imprensa brasileira ao fundar o jornal "Correio Braziliense" em 1808.

A ABI e a censura

Em 7 de abril de 1908, Gustavo de Lacerda inaugurou a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), com o objetivo de assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais e tornar-se um poderoso centro de ação. Lacerda afirmava que a Associação deveria ser um abrigo neutro para os profissionais da imprensa.

No Estado Novo, de Getúlio Vargas (1937 a 1945), a imprensa foi censurada. Mas a investida mais forte contra a imprensa veio após o Golpe Militar, em 1964. Durante os anos de ditadura, foram sancionadas duas leis que impediam a expressão verbal e oratória: Lei de Imprensa (09/02/1967) e Lei de Segurança Nacional (13/03/1967). Anos duros e difíceis para a classe jornalística. No entanto, surgiram nessa época os "Tablóides" contra todas as formas de censura: *Pato Macho* (1971), *de Fato*, *Versus*, *Movimento* e *Coojornal* (1975), *Revista Realidade* (1965 a 1968), *Politika*, *Grilo e Jornalivro* (1975). Dentre os tablóides, o de maior repercussão foi o *Pasquim* (1969), fundado por Millôr Fernandes, Paulo Francis, Jaguar e Tarso de Castro, no Rio de Janeiro.

Perseguição a jornalistas

Durante a ditadura militar vários jornalistas foram exilados, assassinados, torturados e seqüestrados. A participação da ABI foi fundamental para a libertação, defesa e anistia de jornalistas acusados de subversão. Em 1976, o 7° andar do edifício-sede da instituição foi completamente destruído por atentado terrorista, quando a entidade era uma das mais importantes na defesa das liberdades democráticas da sociedade civil. As autoridades nunca conseguiram identificar os autores.

Na noite de 24 de setembro de 1975, o Jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da Tv Cultura, é convocado ao DOI (Departamento de Operações Internas) para prestar depoimento sobre sua ligação com o PCB (Partido Comunista Brasileiro). No dia seguinte, Herzog compareceu à sede do DOI e nunca mais voltou. Jorge Benigno Duque Estrada e Leandro Konder, jornalistas que estavam presos no mesmo local, disseram que Herzog foi torturado e assassinado. A versão oficial é de que Herzog, após confessar e entregar integrantes do PCB, cometeu suicídio. Uma foto divulgada na época mostrava o jornalista pendurado pelo pescoço numa grade mais baixa que sua estatura.

Tempos depois, José Alves Firmino, cabo do exército na época, entregou à Comissão dos Direitos Humanos

Jornalista Vladimir Herzog foi torturado e assassinado nos porões da ditadura em 1975

issuu-downloader.com

da Câmara dos Deputados três fotos que mostram o sofrimento a que Herzog foi submetido. Em 1978, a justiça responsabilizou a União pela prisão ilegal, tortura e morte do jornalista. A família de Herzog foi indenizada em 1996, após a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos reconher seu assassinato no DOI-CODI de São Paulo. O historiador Mário Sérgio de Moraes lançou o livro "O Ocaso da ditadura – Caso Hezog" (2006), que aborda a reação da sociedade civil ao assassinato do jornalista.

Diretas Já

Nos anos 80, a nação brasileira, cansada do regime militar e suas façanhas na economia, iniciou o movimento das "Diretas Já", sob a liderança de Ulisses Guimarães. O único jornal a se posicionar ativamente no movimento foi a "Folha de S. Paulo". A Folha publicou reportagens e editoriais incisivos contra o regime: "Presidente quem escolhe é a gente". A matéria de maior impacto foi publicada em 11 de abril de 1984, "Rio faz maior comício da história do Brasil", na qual publicaram várias frases de Tancredo Neves: "O que penso estar reunido nesta praça pública não são apenas um milhão de pessoas, mas 130 milhões de brasileiros que se comprimem nas praças de todo o País para que não continuem lhes usurpando o direito de escolher o presidente da República".

"O povo não é bobo, fora Rede Globo" foi o que o povo gritou no comício das Diretas Já, em 1984.

"O povo não é bobo, fora Rede Globo" foi o que o povo gritou no comício em 17 de abril no Rio de Janeiro. A Globo se manteve neutra o tempo todo até perceber que estava perdendo audiência. Começou então a transmitir todos os comícios. A revista Veja focalizou o povo para evitar confrontos políticos. Porém, em 1° de fevereiro de 1984, deixou sua neutralidade com a publicação: "Quero votar pra Presidente".

O movimento das "Diretas já" não foi em vão. Foi muito importante para o processo democrático brasileiro. E a imprensa brasileira ficou com uma interrogação: "Como seria dali em diante?".

A corrida pelo poder

Nos anos 90, começaram as volumosas privatizações do setor de telecomunicações e concessões de novas freqüências de rádio e TV, principalmente no governo de Fernando Henrique Cardoso. Grandes grupos de comunicação como Grupo Silvio Santos, RBS, Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo, Grupo Editora Abril e Grupo Roberto Marinho apoiaram sistematicamente as privatizações.

O Impeachment de Collor

A imprensa brasileira teve papel fundamental no Impeachment do presidente Fernando Collor de Mello (O caçador de Marajás). A primeira denúncia foi sobre o tráfico de influência pelo tesoureiro de campanha de Collor, Paulo César Cavalcante Farias (PC Farias). Em maio de 1992, Pedro Collor, irmão do presidente, deu entrevista à Veja contando o esquema de corrupção de PC Farias com a conivência do irmão. O Congresso e a mídia mobilizaram a opinião pública para a apuração dos fatos. Constatado o envolvimento do presidente na corrupção, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e a ABI (Associação Brasileira de Imprensa) lideraram as entidades civis para o pedido de cassação do mandato de Collor. Em 29 de setembro de 1992, a Câmara dos Deputados afastou Collor do poder. Três meses depois, ele renunciou. Em junho de 1996, PC Farias foi encontrado morto ao lado da namorada, Suzana Marcolino da Silva, em Guaxuma, Maceió. A polícia concluiu o caso como crime passional. Suzana matou PC Farias e cometeu suicídio.

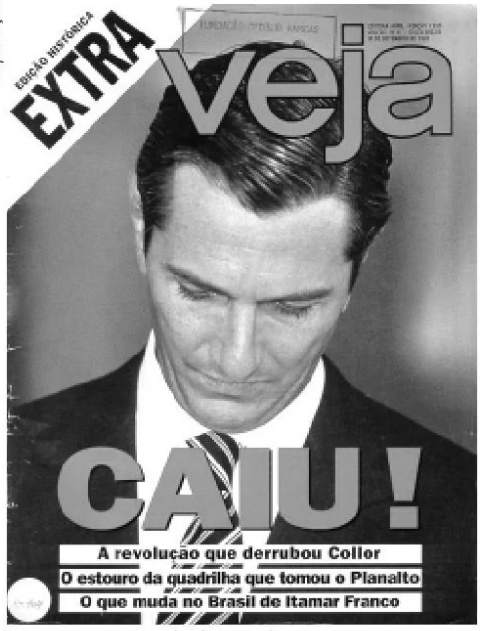
O caso da Escola Base

Em Março de 1994, foi noticiado na mídia um suposto escândalo sexual envolvendo professores e alunos da Escola Base, no bairro Aclimação, em São Paulo. A acusação foi feita por duas mães. Programas sensacionalistas como o *Aqui Agora* (SBT) e os jornais *Folha da Tarde* e *Notícias Populares* colaboraram para o agravamento da denúncia. Posteriormente, após a substituição do delegado e nova apuração policial, constatou-se a inocência dos proprietários da Escola Base. Porém, já era tarde. Tiveram suas vidas arruinadas. Esse fato marcou a história da imprensa brasileira e é objeto de estudo em todas as faculdades de comunicação do país. A história está registrada no livro " Caso Escola Base – os abusos da imprensa brasileira" (Editora Ática), de Alex Ribeiro.

A imprensa do século 21

Em 2000, a globalização e o avanço das tecnologias, principalmente da internet, fizeram com que a imprensa reformulasse suas técnicas de produção. Segundo o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) havia 9,8 milhões de internautas em dezembro de 2000.

Reprodução



Imprensa atuou de forma determinante no impeachment do presidente Fernando Collor

O assassinato de Tim Lopes foi um atentado contra toda a imprensa democrática

Alguns chegaram a acreditar que o jornal impresso estava condenado pela popularização da internet. Surgiram os blogs, fotoblogs, videoblogs e sites. Grupos de comunicação fundiram-se para ampliar sua participação no mercado globalizado. Especialistas temem que o jornalismo fique superficial devido à velocidade com que as informações são transmitidas. A imprensa agora é multimídia.

Tim Lopes

Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, o Tim Lopes, como era conhecido, trabalhava na Rede Globo e desapareceu no dia 2 de junho de 2002 na favela Cruzeiro, no bairro Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. Ele ia investigar a exploração sexual de adolescentes e o tráfico de drogas nos bailes funks. Tim Lopes foi descoberto por traficantes transportando uma microcâmera para filmar os bailes. Capturado, foi espancado e torturado na favela da Grota, por Elias Maluco e seu bando. Tim Lopes teve seu corpo esquartejado e incinerado num local conhecido como microondas.

Houve grande mobilização da imprensa e da polícia para a prisão dos culpados. Foram identificados nove integrantes da quadrilha. A polícia promoveu uma verdadeira "caçada" a Elias Maluco, que acabou sendo preso e condenado pelo assassinato.

A ABI (Associação Brasileira de Imprensa) promoveu seminários sobre as condições de segurança para os jornalistas. A partir do assassinato de Lopes, os repórteres passaram a usar coletes à prova de balas ao subir os morros do Rio de Janeiro. A TV Globo reavaliou suas medidas de segurança para a cobertura da violência no Rio de Janeiro.

Tim Lopes era um dos jornalistas mais brilhantes da sua época. Trabalhou nos jornais "O Globo", "O dia" e "Jornal do Brasil". Entrou na TV Globo em março de 1996. Recebeu, juntamente com sua equipe, o Prêmio Esso de telejornalismo (2001) pela reportagem "Feira de drogas", exibida no Jornal Nacional. A polícia acredita que Tim Lopes foi executado pela reportagem que foi ao ar e contribuiu para a prisão de vários traficantes.

A falta de pudor

Em 2004, o professor da UNB (Universidade de Brasília), Venício Lima, desenvolveu uma pesquisa sobre a concessão e renovação de emissoras. No estudo, ele constatou que 16 dos integrantes da subcomissão da Câmara dos Deputados de

issuu-downloader.com

concessão e renovação eram sócios ou diretores de 37 emissoras. A falta de critérios transparentes permitia que os princípios constitucionais de produção e programação de rádios e televisões não fossem cumpridos, afetando o objetivo legal da concessão: atender ao interesse público. "As concessões de radiodifusão, a partir da primeira concessão, são quase todas automaticamente transformadas em propriedade", afirma Lima. O congresso não tem interesse em revisar os critérios de concessão e renovação de emissoras devido ao fato de os Deputados serem donos ou sócios de emissoras de rádio e TV. Em 2007, várias emissoras não conseguiram a renovação, mas recorreram e aguardam decisão.

"Imprensa e democracia, na vigente ordem constitucional, são irmãs siamesas"

Folha de S. Paulo x Igreja Universal

Em dezembro de 2007, a Folha de S. Paulo publicou matéria da jornalista Elvira Lobato sobre as milionárias atividades do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. Fiéis da igreja moveram várias ações em diversas partes do país contra a jornalista e a Folha. Começou então uma guerra entre os dois veículos. Entidades como a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), ABI (Associação Brasileira de Imprensa), Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) saíram em defesa da Folha, denunciando o caso a entidades internacionais. A ABI considerou as ações como "grave ameaça à liberdade de informação e de expressão".

O Ministro Carlos Aires, do Supremo Tribunal Federal (STF), concedeu liminar que suspendeu grande parte da Lei de Imprensa. A decisão paralisou processos que tramitavam na justiça e possíveis condenações com base na lei. De 1967, quando o Brasil vivia sob o regime militar, a lei contém dispositivos inibidores da liberdade de expressão, como pena de prisão a jornalistas condenados por calúnia, injúria e difamação. "Imprensa e a democracia, na vigente ordem constitucional, são irmãs siamesas", concluiu o ministro.

Sensacionalismo virtual

Marília Cândido Lopes
3º Período de Jornalismo

A mídia fez um papel vergonhoso na cobertura do caso Isabella Nardoni, freqüentemente comparado ao caso Escola Base, ocorrido em 1994 em São Paulo, no qual donos e colaboradores de uma escola foram acusados injustamente pela imprensa, de pedofilia. Em ambos os casos, durante o processo investigativo, jornalistas se precipitaram e nomearam culpados. A partir disso, é notável o efeito da teoria do agendamento: a mídia noticia um fato que encontra repercussão, este entra na agenda de discussão do público e continua a ser noticiado à exaustão.

Até aí, não há nada de novo. O que é realmente bizarro neste caso é que este efeito se transportou para a Internet – não que seja novidade a transmissão e repercussão de notícias pela rede mundial de computadores; mas, desta vez, o próprio público passou a produzir conteúdos sensacionalistas.

No Youtube, quando se busca pelo nome da garota, uma lista de 364 vídeos aparece. Passando página por página, pode-se ver desde os vídeos do supermercado, no qual a família fez compras antes do assassinato; as idas e vindas do pai e da madrasta a delegacia e outros. Mas a grande maioria são homenagens feitas com fotos da menina e de sua mãe. As mais acessadas contam com mais de 95 mil exibições e 600 comentários.

No Orkut, 419 comunidades foram criadas com o nome de Isabella. E também existem as listas de discussão, como no Yahoo, em que há vários fóruns de pessoas debatendo sobre quem matou a menina. E o mais surpreendente de todos: uma página do Wikipédia dedicada ao caso. Nela há informações curiosas e suspeitas, como, por exemplo: "Ana Carolina ficou grávida de Alexandre aos 17 anos. A notícia da gravidez não foi bem recebida por Alexandre , pois na época ele tentava passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil". Ou então: "O pai, a madrasta e os parentes da menina foram questionados pela imprensa e a opinião popular, devido à rápida contratação dos advogados, dois dias depois da morte de Isabella, o que gerou a suspeita que os dois seriam culpados, pois estes já teriam previsto uma ordem de prisão". A página está passando por uma votação aberta entre todos os visitantes, para decidir se continua no ar ou não.

Os usuários destes sites decidiram quem matou Isabella bem antes do término das investigações. Os comentários nos fóruns variam entre os que simplesmente acusam, os que pedem que seja aplicada a pena capital aos culpados, os que pedem um pouco de calma até que tudo se esclareça – e há, é claro, aqueles que trocam informações sobre a vida pessoal dos parentes e "boletins"informais contendo as últimas novidades. Assim, a população justiceira adotou a garota e acompanha a novela especulando sobre o último capítulo.

A imprensa tem o dever de informar e a população o direito de ser informada e expressar sua opinião. Mas se a mídia age de forma irresponsável nesse processo, só para satisfazer as necessidades sadistas das pessoas, este dominó pode desembocar em um sensacionalismo virtual. O público gosta da emoção do sensacionalismo, entretanto, alimentar este tipo de sentimento vai contra a ética jornalística.

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com

Patrimônio histórico

Acervo do Lavoura deve ser tombado

Medida pode contribuir para que a coleção permaneça em Uberaba

Roseli Lara
4º período de jornalismo

Em meio à controvertida venda do Jornal *Lavoura e Comércio*, o Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (Conphau) dá sinais de reação e quer tombar o acervo como patrimônio do município.

Embora, na época da venda do Lavoura, a prefeitura de Uberaba não tenha manifestado interesse em reverter o acervo para o arquivo municipal, o Conphau acaba de concluir o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural (IPAC), peça fundamental para propor o tombamento.

No prédio da rua Vigário Silva, onde o acesso é restrito e está guardada a massa falida, estão registrados 104 anos da história do Brasil Central, com risco de se perder.

O inventário, cuja ficha técnica foi remetida oficialmente neste dia 15 de abril para o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – (Iepha), é, no momento, a única proteção do acervo. A equipe técnica do Conphau informa, no relatório, que além do acervo estar inacessível à população, está à mercê da deterioração pela falta de limpeza e corre risco de incêndio e do ataque de vândalos, como já ocorreu em 2007.

No prédio da rua Vigário Silva, onde o acesso é restrito e está guardada a massa falida, estão registrados 104 anos da história do Brasil Central, com risco de se perder. O prédio, onde o jornal funcionou até 10 de outubro 2003, e já inventariado pelo Conphau, guarda uma coleção de 27 mil e 500 edições do Lavoura, encadernadas em 227 volumes.Também foram inventariadas 900 mil fotografias, um dos mais importantes acervos fotográficos de Uberaba.

A coleção de 104 anos, a marca, móveis, maquinário e o arquivo de fotos foram vendidos em leilão de bens, no dia 14 de dezembro de 2007, pelo valor de R$ 270 mil, para ser rateado entre os credores da massa falida. A compra foi feita pela empresa *Rede Vitoriosa de Comunicação Ltda.*,do senador Wellington Salgado (PMDB), mas está sendo contestada na justiça pelos credores, ex-funcionários do jornal.

A historiadora do Conphau, Maria Aparecida Manzan, afirma que houve várias tentativas do conselho, buscando que a prefeitura adquirisse o acervo e garantisse sua permanência em Uberaba, mas lamenta: "Não houve interesse da prefeitura". Ela acredita que mesmo ocorrida a venda e havendo o risco de transferência para Uberlândia, o município ainda pode recorrer à Constituição e à Lei Federal 8.159, que protege os arquivos públicos, dando à Uberaba o direito de manter e preservar o acervo .

Maria Aparecida diz que: "Como patrimônio inventariado, o acervo não pode sair de Uberaba, mas se isso ocorrer o Conphau pode recorrer à justiça" . Observa que o conselho também já tentou transferir o acervo para a salva-guarda do arquivo público municipal, mas diz que a justiça não concordou .

O historiador Pedro dos Reis Coutinho dedica-se desde 1986 ao estudo da história de Uberaba e garante que: "O Conphau irá determinar o tombamento do Lavoura". Explica que há dois caminhos: o tombamento consensual com o novo dono ou o tombamento compulsório. Nos dois casos, porém, segundo o historiador, o tombamento não dá plena garantia que o acervo permaneça em Uberaba, pois é de propriedade privada.

Pedro diz que uma das estratégias encontradas pela equipe técnica do Conphau já foi adotada: "Estamos repassando o inventário do Lavoura ao Iepha, que pode intervir diretamente no tombamento, pois está sendo informado oficialmente da existência e importância do acervo", observa.

Fotografias do acervo: Cristiane Ferreira de Moura

LAVOURA E COMERCIO

XI Exposição Agro-Pecuaria de Uberaba

O jornal Lavoura e Comércio registrou 104 anos da história do Brasil central. A expansão da agricultura e pecuária de Uberaba ficou eternizada em suas páginas.

Preço vil marca negociação do acervo em leilão

O Jornal *Lavoura e Comércio* marcou a inauguração da imprensa no Triângulo Mineiro. Durante mais de um século narrou a tradição e os costumes de um povo. O jornal não registrou somente a história do Triângulo, mas foi um dos mais importantes do Estado e registrou fatos significativos da história nacional, razão pela qual seu acervo e sua marca são tão cobiçados.

Mesmo em sua agonia e fechamento em 2003, o *Lavoura e Comércio* continua vivo em diversas teses de pesquisa e publicação de livros. É o caso do escritor Guido Bilharinho que buscou no acervo dados importantes sobre a história de Uberaba para publicação do livro "Uberaba: Dois Séculos de História". O escritor é enfático ao confirmar que: "Não há nenhum patrimônio da memória maior e mais completo e autêntico que o acervo do Lavoura, um patrimônio inestimável, um patrimônio da imprensa no mundo ocidental", destacou.

O escritor lembra que o jornal circulou diariamente, atravessando o século XX e manteve, em Uberaba, um jornalismo de referência com atuação de nomes como Quintiliano Jardim, Ataliba Guaritá Neto, Hildebrando Pontes, João de Minas e Moisés Santana.

Guido Bilharinho não vê outro desfecho senão a anulação do leilão e o tombamento da coleção. "Quem deveria adquirir toda a coleção, mantê-la em local adequado, à disposição dos pesquisadores do Brasil, é a prefeitura"- disse, acrescentando que há muitos precedentes jurídicos para anulação; um deles é o preço vil do leilão, bem abaixo de 50 por cento do valor real. Para o escritor, houve "omissão e falta de consciência da prefeitura e da Câmara de Vereadores".

O promotor de Defesa do Patrimônio Público, Emmanuel Carapunarla, argumentou que não tem elementos suficientes para propor ação que garanta a permanência do acervo no município de origem. Declarou que não acompanha o caso, tendo apenas conhecimento informal sobre a venda do *Lavoura e Comércio.* Disse que a promotoria pode até mover algum tipo de ação, desde que provocada pelos cidadãos Uberabenses

Já a prefeitura, através do prefeito Anderson Adauto, não se manifestou, embora a administração pública tenha sido procurado.

issuu-downloader.com

Jornalista denunciou "estupidez apavorante" das elites uberabenses

Através de livros extremamente provocativos, Orlando Ferreira atacou a Igreja, os governantes e as famílias que comandavam a cidade à bala

Marília Cândido lopes
3º período de Jornalismo

Orlando Ferreira (1886-1957), o Doca, foi um livre-pensador que conquistou o ódio das elites de Uberaba devido ao seus violentos protestos contra a decadência da cidade no início do século XX. Nascido em 26 de julho de 1886, Doca foi negociante de gado Zebu, funcionário dos correios e inspetor da 23ª circunscrição literária – composta na época por Araguari, Estrela do Sul, Monte Carmelo, Patrocínio e Uberabinha (atual Uberlândia). Mas este uberabense foi amaldiçoado pela cidade devido a sua atuação como jornalista e escritor.

Doca era uma pessoa discreta, quase não falava de sua vida pessoal, não foi casado e não se tem notícia de seu envolvimento em relacionamentos amorosos. Gostava de freqüentar a casa de amigos, como a do médico espírita, doutor Inácio Ferreira, para discutir literatura e trocar livros raros que encontrava nos sebos de São Paulo, Rio de Janeiro ou mandava buscar de Portugal. Ele também gostava muito de conversar sobre comunismo na casa do alfaiate Calixto Rosa, na companhia do professor Alexandre Barbosa. Certa vez, Barbosa recebeu, de um amigo na França, exemplares do jornal do Partido Comunista Francês, "L'Humanité", com textos que influenciaram decisivamente o movimento comunista em Uberaba, com o qual o Orlando Ferreira mantinha íntima relação.

Lucília Rosa, 95 anos, filha de Calixto, se lembra que Ferreira ia à sua casa todos os dias, por volta das 19 horas, para tomar chá e conversar sobre a política e a situação de abandono de Uberaba. Naquela época, faltavam calçadas e as ruas eram sujas, cheias de mato e de animais mortos. Além disso, os amigos comunistas lamentavam profundamente o fato de que a cidade vivia sob a influência política da Igreja e de famílias retrógradas. O espírito inquieto do jornalista não se acomodou e, para expressar suas fortes opiniões políticas, escreveu diversos livros – entre eles, "Terra Madrasta", lançado em 1928.

O jornalista começa a obra dedicando-a à terra natal: "A ti, Uberaba, terra infeliz, desgraçada, prostituída, ofereço este meu modesto trabalho", e não deixa de declarar seu amor à cidade, que para ele se encontrava naquela situação por culpa de "hediondos carrascos". Em seguida, expõe todas as mazelas da cidade, como as que foram descritas por Dona Lucília. Ela recorda que na porta de sua casa havia cachorros e galinhas mortas, e que para andar na calçada ela e as irmãs tinham que segurar a barra dos vestidos para não sujá-la. "Eu vivi a Terra Madrasta. Ninguém passava para o passeio de lá, era só barro e sujeira", afirma.

> *"A ti, Uberaba, terra infeliz, desgraçada, prostituída, ofereço este meu modesto trabalho"*

Mas as críticas de Doca não se resumem a isso. Suas palavras se tornavam extremamente agressivas quando partiam para o campo político. "Agora, leitor, tenha paciência: muna-se de uma quantidade boa de ácido fênico ou, na falta desse poderoso desinfetante, leve o lenço ao nariz porque, com perdão da palavra, vou tratar da celebérrima política de Uberaba." A advertência, já no início do capítulo, dá uma idéia do teor das críticas do jornalista,

No livro de Doca, a caricatura acima foi acompanha da seguint
carregando a sua pesada cruz e seus maiores algozes: Aadmi

issuu-downloader.com

Marília Cândido

Lucília Rosa, filha de Calixto Rosa, conviveu com Orlando Ferreira e participou de diversas reuniões nas quais os comunistas da cidade debatiam a política local

Imagens: reprodução

te legenda: *"A desgraçada Uberaba caminha para o calvário, nistração, a política , o clero e a empresa Força e Luz"*

que não poupa nenhum detalhe do cenário político da cidade. Ele até mostra uma relação de 11 provas das maiores irregularidades administrativas de 1915 a 1925. Tudo baseado em planilhas, testemunhos e jornais que atestam escândalos, roubos, abusos de poder, acordos ilícitos de funcionários executivos que continuavam em cargos públicos, mesmo depois de serem processados e presos por desfalques.

Doca também faz uma lista do que ele considera como "forças oponentes ao progresso do município", seriam elas: A administração; a política; o clero; a empresa Força e Luz; a família Borges; a família Prata; a família Rodrigues da Cunha. Ao mencionar expressamente a Igreja e as famílias mais poderosas da cidade na época, Doca comprou uma briga tremenda.

Para embasar as críticas à empresa "Força e Luz", inaugurada em 1906 e de propriedade privada, o jornalista chega ao extremo de fazer um recenseamento pela cidade. Ele anotou nome e endereço dos residentes, e perguntou a cada um o quanto havia gasto no mês, já que a companhia havia lhe recusado estes dados. Depois de percorrer casas, centros comerciais e indústrias, somou aos dados obtidos os gastos da iluminação pública. Tudo isso para divulgar os lucros da empresa, que ele julga que deveriam ser investidos em melhorias públicas no setor elétrico da própria cidade, e não ir para o bolso dos acionistas. Um deles, inclusive, era o prefeito Geraldino Rodrigues da Cunha.

Em "Terra Madrasta", também há desenhos e fotografias da cidade tiradas pelo próprio autor. João Bento Ferreira, primo de Doca, em entrevista concedida a historiadora Maria Aparecida Manzan no ano de 1986, revelou que o primo chegou a montar o cenário de uma de suas fotografias. Na casa do açougueiro Bruno da Silva, cunhado de Bento, conseguiu pedaços de carne podre e levou para o pasto que havia em frente à casa do coronel Manoel Borges, pertencente a uma das famílias criticadas no livro. E quando os urubus começaram a sobrevoar o pasto ele tirou as fotografias. Segundo João Bento, Doca apontava para a casa do coronel e dizia: "Aqui está a casa do coronel Manoel Borges, o mandão de Uberaba."

Outra gravura do livro mostra um mapa do Triângulo mineiro anexado ao estado de São Paulo. Um dos ressentimentos de Doca era ver as cidades localizadas no estado vizinho progredindo velozmente, enquanto Uberaba ficava cada vez pior. Ele pensava que a culpa era da resignação e ignorância do povo mineiro, o que seria conseqüência da péssima direção de vários e sucessivos governos de Minas Gerais. Era de se prever que Doca iria arrumar muitos problemas com este livro, tanto que, após o lançamento, ele desapareceu por alguns anos.

Doca sonhava com a anexação do Triângulo ao Estado de São Paulo

TRECHOS DE "TERRA MADRASTA"

Os partidos "políticos" de Uberaba foram sempre compostos, quase que inteiramente, de indivíduos sem honra, sem patriotismo, sem instrução, de uma ignorância apavorante, quase boçais, e tipos quase sempre criminosos, incursos em vários artigos do Código Penal e que, por isso mesmo, em vez de dirigirem o povo, deviam estar na cadeia; se há exceções, e de fato sempre houve, é quando se trata porém de pessoas tímidas, acomodatícias, sem fé, sem coragem, incapazes de uma reação, vítimas do meio, com alguma inteligência, mas sem a prática e habilidade que não se dispensam em homens que tomam sobre si a tarefa de dirigir povos, sem esse exercício progressivo e contínuo, esse preparo a que os franceses dão o nome de entraînement. É tão desprezível e imoral o "político" uberabense que, além dos gravíssimos defeitos que possui, não se envergonha de andar junto e homenagear publicamente o gatuno e cáften – fato horroroso que a população inteira tem presenciado cheio de nojo... – e que redunda em prejuízo para ele próprio "político", que nunca mais poderá ser tomado à sério pela gente s e n s a t a . . .

Uberaba precisa livrar-se do infamante jugo clerical, se quiser evoluir-se. O clero tem sido uma das suas maiores desgraças. E continuará a sê-lo, enquanto os uberabenses não se revoltarem e conquistarem a sua emancipação.

Porque não é nada recomendável viver-se como o mineiro vive, triste, recluso, isolado, numa vida de quietude e "simplicidade"; e se isto é uma das feições da alma mineira, deve-se-o ao atraso material, moral e intelectual a que o povo esta entregue há muitos anos...

(...) Ora, o mineiro não conquistou nada, vive muito mal, não é homem enfim; logo, não é simples; a sua "simplicidade" deve ser batizada com outros nomes: covardia, acanhamento, pessimismo, analfabetismo, atraso, miséria, tristeza, doença no corpo e na alma... Em outras palavras: população de jeca-tatus!...

issuu-downloader.com

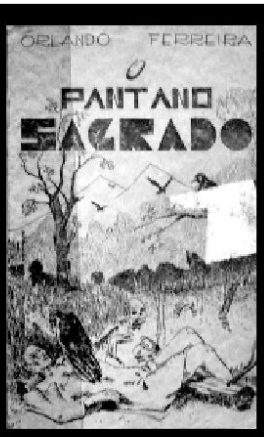
"Escrevo, porém, sob a mais dolorosa das impressões: a do desânimo. Ninguém, tenho certeza absoluta, se importará com as minhas palavras, que talvez poderão ter um mérito apenas: o de aumentar o número de meus rancorosos inimigos".

Forja de Anões

Após o "sucesso" do segundo livro, o jornalista lança alguns outros: *Capitalismo e comunismo* (1932); *Ilusões capitalistas* (1932) e *Forja de Anões* (1940). Neste último ele faz o que chama de "protesto contra a decadência física da mocidade", causada pela prática de esportes. A principal crítica do autor se dirige ao futebol, pois este seria responsável por produzir sujeitos incapazes de pensar, portanto, inúteis à sociedade. Na concepção de Doca, a fadiga causada pelo excesso de movimento prejudica a atividade intelectual, sendo necessário que as pessoas evitem o desgaste físico. A principal culpada por essa situação seria a classe médica que defende a prática de esportes, assim como a imprensa, que a divulga. O que, segundo ele é tão nocivo quanto a divulgação de suicídios e crimes, pois pode influenciar as pessoas.

Depois de citar inúmeras experiências de cientistas renomados para respaldar essa teoria, ele ainda dá uma receita: "O homem precisa andar, gesticular, falar, cantar e praticar esportes; o esporte, sim. Mas deve fazê-lo em prazo curto, pela manhã, durante 30 minutos no máximo, com arte e serenidade, com elegância e beleza". Mas antes mesmo de expor suas idéias, no preâmbulo da obra, o autor prevê o descaso das pessoas em relação aos seus pensamentos: "Escrevo, porém, sob a mais dolorosa das impressões: a do desânimo. Ninguém, tenho certeza absoluta, se importará com as minhas palavras, que talvez poderão ter um mérito apenas: o de aumentar o número de meus rancorosos inimigos".

Orlando Ferreira (à direita), em uma rara fotografia publicada em 1940, no Lavoura e Comércio. Nessa ocasião ele trabalhava com recenseador do Município. Na foto, o prefeito Whady Nassif assina a primeira ficha censitária, na presença do delegado seccional Odorico Costa e do secretário Brasilino Sivieri.



O Catolicismo quando não fanatiza, conduz ao materialismo e o indiferentismo. (...) todos os anos os colégios atiram à sociedade milhares de jovens, muitos dos quais com cérebro cheio de falsos ensinamentos e doutrinas vacilantes, que não resistem a menor análise, marcham para aquele perigoso caminho por culpa quase que exclusivamente da Igreja Romana.

Trecho de *Pântano Sagrado*

O mau pressentimento se confirmou. O próximo livro, Pântano Sagrado (1940), faria com que Orlando Ferreira fosse perseguido por um dos homens mais poderosos e influentes da cidade: Dom Alexandre.

Doca se referia a D. Alexandre através de uma série de apelidos indecorosos: Hiena de Batina, Vaca Brava, Besta Eclesiástica, santarrão e abutre clerical.

Contexto Religioso

No início do século 20, a cidade era palco de um estridente conflito entre espíritas e católicos. João Teixeira Álvares, presidente do "Circulo Católico", publicou um livro chamado Seita Maldita – uma coletânea de artigos publicados no jornal *Lavoura e Comércio* que atacavam espíritas, considerados por ele como um bando de sectários, inimigos da religião e da moral, que deveriam ser dissuadidos pela polícia.

Imerso neste clima de intolerância religiosa, Orlando Ferreira escreveu o seu primeiro livro, *Pela Verdade: Catolicismo x espiritismo* (1919). Nesta obra, ele argumenta que o catolicismo anda na contramão do cristianismo, baseado em atitudes como a dos padres da época que, com a alta taxa de mortalidade infantil causada pela falta de esgoto e higienização da água, defendiam que não era necessário construir uma rede de esgoto ou tratar a água, mas rezar e fazer procissões.

O historiador Thiago Ricciopo, em sua monografia, *Caminhando pelo Pântano Sagrado*, deduz: "O que transparece claro na obra é sua preocupação em mostrar que existe uma diferença antagônica entre o catolicismo e o cristianismo. Em certa altura desta obra, ele também abre uma crítica à hipocrisia que é a política e também à sociedade uberabense, e que todos esses segmentos pertencem ao clã do catolicismo".

Pântano Sagrado

O momento mais extremado da crítica de Doca contra a igreja foi realizado quando ele publicou o livro Pântano Sagrado (1948), uma obra especialmente dedicada a esmiuçar a vida "imoral" – segundo ele – do clero da cidade. Mesmo já tendo feito alguma coisa nesse sentido em suas obras anteriores, o jornalista decidiu dedicar todo um livro para atacar o catolicismo local. O principal alvo foi, é claro, o bispo Dom

issuu-downloader.com

Bispo de Uberaba foi o alvo predileto de Orlando Ferreira

Alexandre Gonçalves do Amaral, tido por Doca como a reencarnação de Torquemada, inquisidor espanhol. O jornalista se referia ao bispo através de uma série de apelidos indecorosos: Hiena de Batina, Vaca Brava, Besta Eclesiástica, santarrão e abutre clerical. Doca chegou a fotografar o Bispo e o cônego Isaías, bêbados e com a batina suspensa durante a festa de Nossa Senhora da Abadia. O que para ele era uma prova da degradação moral da Igreja, ou Gestapo Romana, como gostava de dizer.

Pântano Sagrado foi dedicado ao amigo Inácio Ferreira, que também tinha divergências religiosas com Dom Alexandre. O amigo, responsável por revisar o livro, aconselhou que ele retirasse uma parte que falava sobre comunismo, pois, na época, havia uma perseguição ferrenha a comunistas. Mas Doca não deu ouvidos.

Uma passagem interessante descrita no livro foi quando o *Correio Católico* divulgou uma nota proibindo os fiéis de ler o jornal *Lavoura e Comércio*, porque este havia feito uma crítica ao padre alemão Carlo Bitner, recém-chegado à cidade. Quintiliano Jardim, dono do jornal, com medo de perder leitores, procurou Dom Alexandre para pedir-lhe perdão e explicar que o autor da nota era seu filho Georges.

Indignado com o episódio, Doca descreve como teria sido o encontro do Bispo com Quintiliano. Este, acompanhado pelo amigo Antônio Zeferino dos Santos, o mediador da situação, foi até a casa de Dom Alexandre e chegando lá: "A fera, ao defrontar-se com Quintiliano, esbravejou, urrou, berrou, arrotou, soltava guinchos terríveis, espalhava perdigotos a granel, agitava nervosamente a cauda, estalava as compridas orelhas, peidava constantemente, dava coices no chão, levantava a poeira, e os assistentes ficaram boquiabertos, estarrecidos". Enquanto isso, o proprietário do jornal, estava "calado, cabisbaixo, humilhado, trêmulo." E "a exemplo de Raimundo VI e João Sem Terra, ajoelhou-se aos pés de Dom Alexandre, beijou o seu anel, penitenciou-se, pediu-lhe perdão, prometeu nunca mais escrever contra padres, pediu a bênção episcopal, e, ainda de joelhos, dirige-se ao padre nazista e pede-lhe perdão também." Concedido o perdão, saiu uma nota de retratação no Lavoura e Comércio, que não perdeu nenhum leitor. Para Doca o jornalista deveria dar o bom exemplo, "o exemplo de coragem e civismo, e não de agachamentos vergonhosos".

D. Alexandre Gonçalves do Amaral, tido por Doca como a reencarnação de Torquemada, o famoso inquisidor espanhol.

CORREIO CATÓLICO

PADRE DE NOSSOS DIAS

Várias

Retratou-se o caluniador confesso

Retratação

Orlando Ferreira foi forçado a se retratar publicamente. Toda a edição de seu livro foi incinerada

Dom Alexandre, ofendido com o conteúdo do livro, denunciou o jornalista, que foi preso e forçado a publicar uma retratação no jornal *Lavoura e Comércio* e no *Correio Católico*, com o pedido de perdão, assegurando que nunca mais iria ofender ao Bispo e nem ninguém de sua família e autorizando que todos os exemplares de Pântano Sagrado fossem queimados. A queima de 900 cópias do livro aconteceu na delegacia por determinação do Juiz de Direito, Dr. Wenceslau.

Em entrevista à Maria Aparecida Manzan, no ano de 1986, Dom Alexandre afirma que Orlando Ferreira fora expulso por Dom Eduardo do seminário e, por isso, tomou raiva de padre, bispo e papa. Entretanto João Bento conta que o primo gostava muito de Dom Eduardo e que, quando questionou o parente sobre seu ódio por padres, ele respondeu: "Não tenho ódio de padre, eu não posso ver a batina. Porque sei que os padres são nossos irmãos. Não tenho nada contra eles. Mas eu não posso é ver batina". Dom Alexandre admite, na mesma entrevista, que Doca era um exímio escritor, o que está regisrado em suas obras. O jornalista tinha um excelente vocabulário, um grande conhecimento, criatividade para elaborar frases de impacto e uma ironia desconcertante.

As polêmicas em torno desse personagem são inúmeras. No entanto, apesar de sua importância histórica, ele foi condenado ao limbo da história da cidade. O aniversário de 50 anos de sua morte em 2007 não foi lembrado. Seus livros são obras raras de difícil acesso, podendo ser encontradas no Arquivo Publico de Uberaba,na Biblioteca Inácio Ferreira e na Biblioteca Nacional. Morto por insuficiencia cardíaca em 20 de outubro de 1957, seu túmulo não foi encontrado no cemitério Jão Batista, onde foi enterrado. Nos registros velhos e rasgados consta somente o número do jazigo sem a indicação da quadra. Segundo os trabalhadores do local, as numerações foram trocadas algumas vezes e a localização foi perdida. Mas, em compensação, os seus seus inimigos são muito fáceis de achar. As famílias que Doca atacava estão lá, em suntuosas sepulturas que simbolizam o poder tão criticados por Doca.

Uma roleta montada em frente à Igreja Matriz de Uberaba, durante as quermesses em benefício da mesma igreja, pelo nefasto corruptor Padre Alaor Porfírio de Azevedo.

Bar fundado pelo padre Alaor Porfírio de Azevedo na rua do Comércio, de Uberaba, para degradar o povo . . .

Charges publicadas nos livros de Orlando Ferreira procuravam denunciar aquilo que o autor considerava imoralidades do clero, tal como o incentivo à jogatina e à bebida

issuu-downloader.com

●●● Crônica

Relato de uma reportagem

A saga de um repórter em busca da verdade escondida no submundo do crime

Tobias Ferraz
5º período de Jornalismo

Naquela manhã cheguei mais cedo que de costume na redação da emissora de TV. Estava sozinho lendo os jornais do dia quando tocou o telefone. Ainda não eram 7h.

- Tem dois corpos numa rua do canavial da fazenda. Com esta informação, o administrador da Fazenda Santa Juliana acabava de sugerir a pauta daquela manhã.

- São de uma mulher e de uma criança de uns quatro ou cinco anos. Detalhou.

Logo pensei que o fato daria origem a uma reportagem diferente dos assassinatos comumente registrados na periferia de Campinas (SP), a maioria resultante de brigas entre quadrilhas ou desentendimento entre membros de um mesmo bando.

Depois de pegar os dados sobre como chegar no local do crime, o telefonei para o chefe de reportagem que, também, por telefone, agilizou a saída da equipe técnica. Repórter, cinegrafista e motorista seguiram para o canavial da fazenda.

Após percorrer cerca de oito quilômetros pela rodovia asfaltada, a equipe entrou noacesso de terra para a fazenda. A plantação de cana cercava a estreita estrada de terra dando ao lugar o ar seco e gélido que a cobertura exigia.

O administrador da fazenda aguardava paciente, escorado no banco da camionete. Nenhuma equipe de reportagem havia chegado ao local.

-Até agora a polícia não chegou. Informou o administrador.

- Então vamos fazendo as imagens. Disse a ele diante da possibilidade de produzir as imagens antes da chegada dos policiais.

A quantidade de sangue empapava a terra, já ressecada naquela época do ano. O administrador da Fazenda Santa Juliana contou que ao fazer a ronda da manhã pelo canavial havia encontrado os corpos no chão, mortos já há algumas horas, constatação feita devido a palidez que apresentavam.

- Você conhece a mulher e o menino?

- Não, não é gente da fazenda e nem da redondeza. Parece gente da cidade.

Durante esse diálogo entre repórter e administrador da fazenda um ruído de motor ... vem se aproximando uma unidade da Polícia Militar. O cinegrafista, experiente, pára de gravar e também encosta na camionete.Os policiais militares andam em volta dos dois corpos, analisam. Um deles se aproxima e olha bem de perto os rostos da mulher e do menino e afirma com a experiencia de um perito:

- Foi tiro na boca. Na mulher e na criança. Tiro na boca!

Com essa nova informação, a sensação de desconforto aumenta. Que motivo alguém teria para matar uma mulher e uma criança? Será que a mulher é mãe da criança?

Agora chega uma caravana de veículos. Equipes de jornais e TVs, polícia civil e um delegado. Os policiais agora mexem nas bolsas da mulher e da criança. Encontram as carteiras de identidade. O policial lê os nomes e logo uma de minhas interrogações é respondida: são mãe e filho. Depois da leitura do nome do pai do menino, uma repórter setorista de polícia do jornal local, se mostra surpresa.

"O pai do menino é o Gilmar, informante de polícia e que está preso no 4º. Distrito. Agora eu estou lembrando dela. Ela estava no Quarto DP, ontem a tarde pedindo para soltarem o marido"", disse a setorista

Depois de entrevistar o administrador da fazenda, um policial militar e o delegado de polícia civil, segui com a equipe para o 4º. Distrito, na intenção de falar com Gilmar; este, possivelmente ainda sem saber do ocorrido com sua mulher e filho.

Ao chegar ao Distrito, fui informado que Gilmar havia sido transferido naquela manhã para o 1º. Distrito, pois lá passara apenas uma noite. Mal sabia que ali começava uma perigrinação até encontrar Gilmar.

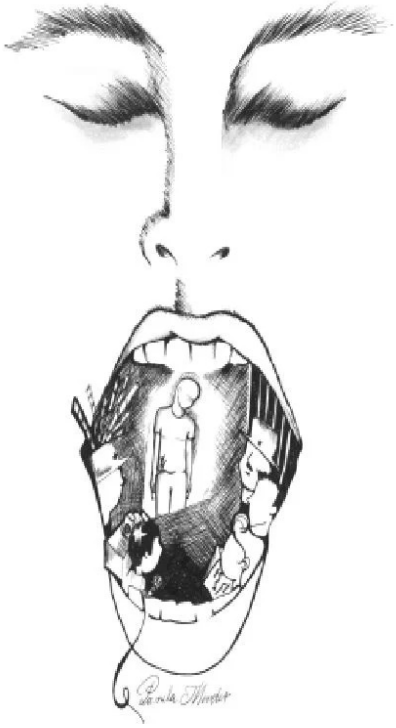
No 1º. Distrito a equipe de reportagem é informada de que ele está detido na Cadeia Pública, estabelecimento prisional do Estado que abriga detentos em cumprimento de pena, portanto, já julgados pela Justiça.

O investigador tentou me desencorajar a seguir em frente na tentativa de ouvir Gilmar.

"Não vale a pena. O cara é informante. Todo enrolado. Entregava a bandidagem em troca de favores. Um pé de chinelo. Achou o destino dele. Não vale a pena. Acho que nem dura muito na cadeia. Pé de chinelo."

Em troca de quais favores, o investigador não soube esclarecer. Tudo muito vago. O destino da equipe agora é a Cadeia Pública.

Na saída do 1º. Distrito, novo encontro



issuu-downloader.com

com a repórter setorista de polícia. Ela folou sobre a mulher de Gilmar. Contou que ela estava muito agitada ontem. Dizia que estava com medo dos outros presos descobrirem que o marido era informante e que fizessem alguma coisa com ele. "Ela disse para o delegado que ia botar a boca no mundo e contar tudo, se não soltassem o Gilmar," contou a repórter.

O destino agora é a Cadeia Pública. O diretor, sempre acessível náo sabia de nada. Foi avisar o preso.

Ouve-se o barulho de abrir e fechar da pesada porta de aço que se abre para o pavilhão das celas. Ouve-se o barulho de abrir e fechar da grade que dá acesso à carceragem. Para quem já andou por todas as áreas da Cadeia Pública, produzindo reportagens fica fácil imaginar os passos do diretor a partir do ruído dos portões e grades.

Os minutos são longos e silenciosos. Escutamos nossos passos no piso de granito, limpo e encerado.

O silêncio é quebrado por gritos incompreensíveis de um homem horrorizado. A notícia da morte da mulher e do filho acaba de ser contada para Gilmar. Mais alguns gritos de horror, choro e novo silêncio. Desta vez o silêncio parece mais duro no ambiente nada agradável do saguão da Cadeia, chega a quase se materializar.

Novos ruídos ecoam devido a amplitude do presídio, produzidos pelo movimento de abrir e fechar das grades e portões. O diretor chega com a resposta de Gilmar:

- Ele vai falar. Disse que tem coisas graves para dizer. Que vai denunciar policiais envolvidos com o crime. Vou preparar a sala da carceragem para vocês gravarem a entrevista. Como precaução vou ligar pra juíza, só pra avisar. Só uns minutos.

Por telefone o diretor conversa com a juíza. Do lado de fora, ouço parte desta conversa. "Sim. Sim Excelência. Mas tem aqui uma equipe de reportagem que quer falar com ele antes. Certo doutora. Farei isso."

Enquanto aguardavamos, sai para pensar nas perguntas que faria enquanto o restante da equipe prepara os equipamentos. Nesse momento a fechadura eletrônica da porta de entrada da cadeia é aberta. Entram dois delegados do 4º. Distrito. O titular – já conhecido de outras reportagens - ao identificar o repórter toma um susto, e pergunta com ar surpreso:

- O que você faz aqui rapaz?

- O mesmo que o senhor, Doutor!

Os delegados olham fixamente para o repórter sem nada dizer. Seguem para a sala do diretor da Cadeia, que mantém a porta sempre aberta. O que é dito lá dentro pode se ouvido do corredor. Após cumprimentos rápidos, segue o diálogo entre delegado titular e diretor:

- A gente quer conversar com ele. (Gilmar)

- Não posso, a juíza quer ouvi-lo agora no fórum. A escolta já está sendo preparada. Com licença, aguardem aqui. Já volto.

O diretor se aproxima da equipe de reportagem:

- Falei com a juíza sobre o Gilmar. Ela disse que ele precisa falar essas coisas em juízo. Que é muito sério o que ele tem pra falar que quer ouvi-lo agora no fórum. Tenta falar com ele lá no fórum.

O jornalista a um passo do furo

Do lado de fora da Cadeia Pública é grande a movimentação de viaturas da policia e cuidados com a segurança. Um aparato somente utilizado na escolta de bandidos famosos, grandes traficantes ou chefes de organizações criminosas. O comboio de segurança segue em direção ao fórum. Em uma das viaturas está um homem ainda jovem, levando consigo uma dor que mistura perda e revolta, e talvez algum desejo ou um fio de esperança de que seja feita justiça. De bandido "pé de chinelo" Gilmar passa a personagem com direito a escolta especial da polícia judiciária.

A sensação agora é estranha, uma espécie de solidão, mesmo em companhia do cinegrafista e motorista da equipe. Por telefone avisei a redação que precisaria da tarde para acompanhar o caso e fechar a reportagem.

No fórum, a burocracia atrasa a entrada imediata da equipe. A essa altura, Gilmar já está lá dentro, na sala da juíza. Foi levado até lá pela entrada da garagem, no subsolo do suntuoso edifício da justiça.

Vencida a burocracia, o acesso da equipe é permitido. Na ante-sala da juíza nova espera. Agora com outro sentimento.

O editor-chefe já ligou várias vezes no telefone celular da equipe. Quer ser informado sobre cada novo fato.

A espera para conversar com a juíza continua. A porta da sala não abriu nenhuma vez até agora.

Uma colega da redação liga no telefone celular. Fala nervosa e quase sussurrando: O delegado do 4º. Distrito já ligou umas dez vezes aqui na redação para o repórter amigo dele. Quer saber onde você está. Já são quase três da tarde e vocês não voltaram ainda. A coisa agora está com o diretor de jornalismo. Em que você se meteu?"

O chefe de redação liga em seguida: Se não tem novidade, fecha a matéria com o que você tem. A ligação é interrompida quando a porta da sala se abre. A juíza pede ao repórter que entre:

- O que ele diz é muito grave e não pode ser revelado ainda.

- Mas nós podemos entrevistá-lo?

- Não, não pode entrevistá-lo. Tudo é segredo de justiça até que os fatos sejam apurados."

Com um certo ar de decepção redijo a reportagem com o que tenho. Falo do assassinato da mulher e do menino. Do fato de serem mulher e filho do informante preso e que o informante foi levado para depor no fórum da cidade.

Offs gravados a equipe se prepara pra voltar a redação quando o telefone toca. É o editor-chefe: Olha, hoje é sexta-feira, é seu final de semana de folga, você está desde cedo nessa história, está cansado, pode ir pra casa daí mesmo se quiser.

No caminho de casa vou tentando montar o quebra-cabeça do assassinato da mulher e do menino. A cidade grande parece estar envolvida por uma enorme sombra.

O final de semana passa lentamente. O duplo homicídio não sai da minha cabeça. O certo é que Gilmar e a mulher dele sabiam demais.

Fim da Linha

Na segunda-feira, logo cedo, como de costume, o repórter já está na redação do telejornal. Estranha a chegada do editor chefe naquelas primeiras horas da manhã. Só os dois na redação:

- Venha na minha sala pra gente conversar. Intimou o editor com um jeito agitado de quem tinha algo importante a dizer.

- Olha, conversei com os chefes de reportagem e concluímos que seu comportamento não é condizente com as expectativas da empresa, então eu estou te demitindo.

Olho com espanto para a face vermelha do editor, não acostumado a demitir, portanto incomodado com a situação. Me despeço, pego meus poucos pertences em uma gaveta e vou embora.

Um ano depois, a cidade recebe a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, a CPI do Narcotráfico, como ficou conhecida, que investigou o tráfico de drogas no país e a ligação do crime organizado com empresários e policiais.

Naquela cidade, uma das testemunhas chave da CPI do Narcotráfico é Gilmar, o homem que teve a mulher e o filho barbaramente assassinados com tiros na boca. Gilmar afirma para os deputados da CPI que alguns policiais da cidade estão envolvidos com ações de roubo de cargas na região, têm ligações com o crime organizado e com o narcotráfico.

A CPI ficou por vários dias na cidade. Questionou gente influente da sociedade local e um investigador de polícia, convocado para depor, se matou com um tiro na boca dentro do banheiro da delegacia. Será que ele carregava culpa tão grande que não suportava a realidade?A CPI do Narcotráfico indicou algumas prisões, todas temporárias. As acusações de Gilmar seguem sob segredo de justiça. Mesmo depois de doze anos o assassinato da mulher e do filho não foi esclarecimento.

O repórter? Continua repórter. Em outra cidade, resistindo ao factual e tentando aprofundar as investigações na reportagem, mesmo com todas as mazelas das redações, das dificuldades financeiras e das barreiras impostas por uma corrente do jornalismo que defende uma informação "mais leve", um jornalismo "informal", onde talvez o charme e o glamour sejam mais relevantes que a boa e velha reportagem. Nessas horas ele tem a sensação de um gosto de metal na boca, misturado com o sabor adocicado de sangue, e a certeza de que nem sempre a informação completa chega até o leitor do jornal, ao ouvinte do rádio, ao telespectador e ao internauta. Mas o repórter não pode desistir, mesmo que somente depois de anos ele encontre uma forma para contar a história.

issuu-downloader.com

●●● Jornalista, desde pequeno

Da latinha à transmissão internacional

A trajetória de um jornalista pioneiro no radiojornalismo de Uberaba

Noé Maia
3º período de Jornalismo

Luiz Gonzaga de Oliveira ,um dos jornalistas mais experientes e conceituados do estado de Minas Gerais, trabalhou em serviço de alto-falante, rádio, jornal impresso, televisão e hoje é presidente da Fundação Cultural de Uberaba – uma autarquia da Administração Municipal.

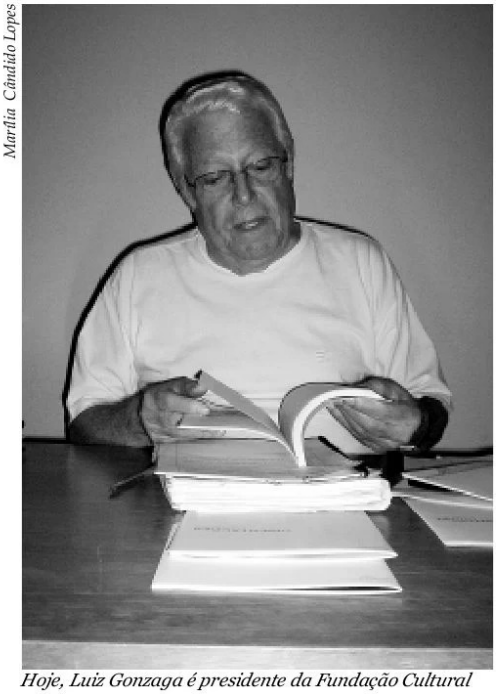
Dono de um currículo de fazer inveja, Luiz Gonzaga afirma, com orgulho, ser jornalista por convicção e que o desejo de ser comunicólogo veio desde criança. "Quando empunhava uma latinha de massa de tomate amarrado a uma linha, no 'faz de conta' de microfone com fios, já sabia o que queria e seria quando crescesse."

Iniciou sua carreira profissional num serviço de alto-falante, no centro da cidade. Após passar em teste, trabalhou na Rádio Sociedade, antiga PRE-5, ficando lá por pouco tempo. Em 1953, juntamente com César Vanucci, Jorge Farah Zaidan, Marçal Costa e outros, inaugura a segunda emissora de Uberaba - Rádio Difusora, começando lá como repórter esportivo, chegando a gerente.

Sobre as dificuldades para produzir reportagens quando iniciou a profissão, Luiz Gonzaga diz: "A mais empírica possível. Gravador para reportagem pesava de oito a dez quilos e era necessário duas pessoas para carregá-lo. 'Valvulado', nem sempre se conseguia energia para fazê-lo funcionar... Uma luta! O advento do gravador de menor porte, mais cômodo para se carregar e manusear, só apareceu no final dos anos sessenta".

Antes do surgimento do gravador, o jornalista lembra que "o rádio trabalhava de uma forma provinciana", e se o assunto fosse muito importante, o entrevistado era levado à emissora. Ele afirma que os conteúdos das entrevistas raramente sofriam alterações e que a figura do repórter era pouco exigida porque eram os jornalistas que colhiam as informações junto aos entrevistados e redigiam a matéria.

Quanto ao relacionamento da imprensa com a sociedade, até a década de 1960, Luiz Gonzaga faz a seguinte observação: "Era visto com reservas. Jornalistas, nem tanto. A desconfiança maior era com os radialistas. Normalmente, não pertencendo à fechada sociedade local, eles eram recrutados no meio popular. Não se exigia descendência familiar, condição financeira ou credo. O requisito maior era ter boa voz, independente da aparência. Por outro lado, a remuneração não atraía os jovens.O radialista era visto como um boêmio, devotado ao álcool e às mulheres de vida fácil".



Marlia Cândido Lopes

Hoje, Luiz Gonzaga é presidente da Fundação Cultural

Alguns setores da sociedade consideram que a imprensa seja o "Quarto poder" e para a jornalista "A imprensa sempre foi o grande sustentáculo do estado democrático de direito. Sem uma imprensa livre, a opinião pública fica sem a sua grande fonte de informação. Não se pode misturar ou conceber liberdade de imprensa' com 'licenciosidade de imprensa'. Quando isso acontece, os resultados, geralmente, não são favoráveis a nenhuma das partes envolvidas. Quanto ao 'quarto poder' a expressão é muito tênue. Pessoalmente, não gosto".

Aos iniciantes na vida jornalística, um lembrete: Nunca 'venda' opinião.

Comparando as dificuldades para a profissão nos períodos do coronelismo, da ditadura e de hoje, ele afirma: "Na ditadura militar, as liberdades foram suprimidas e o arrocho da informação, mormente com a edição do AI 5, foram inquietantes. O homem só se sente realizado quando não lhe é cerceado o direito de ir e vir e emitir a sua opinião sobre qualquer assunto a qualquer tempo. A perda da liberdade tolhe a dignidade do ser humano".

Para nosso entrevistado, os momentos de maior impacto e satisfação profissional foram: "No rádio, aconteceu nos dias 14 e 16 de novembro de 1963, quando transmiti do Maracanã, a decisão do mundial interclubes entre Santos e Milan. Duas grandes vitórias do time de Pelé. A rádio Difusora foi a única emissora do interior mineiro a cobrir os jogos".

Na TV, três fortes emoções: "Em 1978, durante o Campeonato Brasileiro quando realizei a primeira transmissão, via Embratel, de Manaus, para Minas Gerais, no jogo Nacional x Uberaba Sport Clube. A segunda, também aconteceu no norte do país. Transmiti, para toda Minas Gerais, Maranhão AC x Uberaba SC. Foi a primeira transmissão do Maranhão para o resto do país. A minha terceira foi em Natal, no Rio Grande do Norte. TV Itacolomy e a TV Uberaba locaram equipamentos da TV Globo do Recife, que se deslocou à capital potiguar, onde transmiti também, ao vivo, os jogos América RN x Uberaba e ABC x Atlético Mineiro. Foram transmissões marcantes no telejornalismo do Estado. Na mídia impressa, minha grande emoção aconteceu quando lancei o jornal diário 'Cidade Livre', de minha propriedade e que fez enorme sucesso editorial enquanto teve vida". Mas, ressalta que o momento realmente marcante foi a Copa do Mundo de 1978, na Argentina. "Foi o meu orgasmo profissional".

Para aqueles que estão iniciando nesta profissão, o comunicador faz um alerta: "Conselho não deve ser boa coisa – senão ninguém dava, vendia.Aos iniciantes na vida jornalística apenas um lembrete: Nunca 'venda' opinião.Deixa pro dono do jornal vender o espaço publicitário...".

E neste momento em que a Imprensa no Brasil está completando 200 anos e a Associação Brasileira de Imprensa – ABI, 100 anos, o jornalista Luiz Gonzaga deixa aos futuros colegas de profissão a seguinte mensagem: "O Brasil, nesses duzentos anos de imprensa e cem da ABI – a nossa mãe -, sempre foi vanguardeiro e inovador. Nossos jornais êm um alto índice de credibilidade em todo o mundo. Nossa televisão, uma das melhores do planeta, e o rádio, atualíssimo. Nunca pense que vai ficar rico trabalhando na comunicação. Contudo, trabalhe, trabalhe, trabalhe e trabalhe. A vida do jornalista tem 5% de inspiração e 95% de transpiração".

issuu-downloader.com

●●● Jovens empreendedores

Pouca idade, muito sucesso

Jovens entram cada vez mais cedo no mercado de trabalho

Joyce Nayara Rodrigues
3º período de Jornalismo

Foi-se o tempo em que estudar era a única atividade dos jovens brasileiros. É cada vez maior o número de adolescentes que conciliam a vida estudantil com a atuação de algum cargo no mercado trabalho. De acordo com pesquisas da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, mais da metade dos jovens entre 15 e 24 anos ocupa um posto no mercado de trabalho e, na realidade de muitos destes, a escola não está presente.

A cultura brasileira impõe a rotulação de trabalhador só para aqueles que têm carteira assinada. Por esse motivo, a profissionalização tornou-se um fator relevante para a contratação.

Buscando alternativas para driblar as dificuldades de se conseguir um emprego, milhares de jovens têm encontrado a solução no próprio negócio. Com o espírito empreendedor e imensa vontade de adquirir a tão sonhada independência financeira, eles resolveram investir nas suas habilidades.

O universitário Clayton Pereira Oliveira Silva é um exemplo claro de jovem empreendedor. Aos 21(vinte e um) anos de idade, Clayton desenvolve um trabalho bem-sucedido como promoter, na cidade onde mora. O empresário e estudante de Publicidade e Propaganda da Universidade de Uberaba revela que começou a trabalhar em uma empresa aos 16 (dezesseis) e foi lá que surgiu a idéia de ter seu próprio negócio.

"Sinto-me bem, pois faço parte de um grupo de jovens que tem idéias novas e querem o melhor para o seu país."

Claytim, como é conhecido o estudante, conta que gosta muito do que faz e isso é o grande segredo do sucesso. "Sinto-me bem, pois faço parte de um grupo de jovens que tem idéias novas e quer o melhor para o seu país."

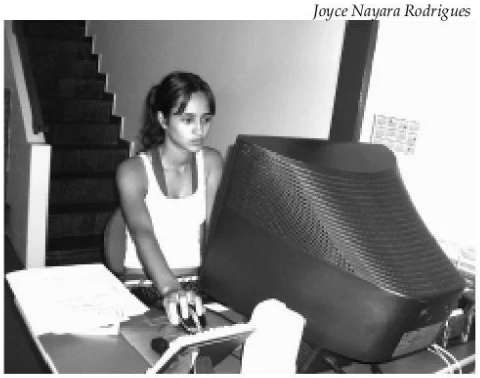
Não são apenas projetos governamentais que investem na profissionalização dos jovens para inseri-los no mercado de trabalho. Diversas instituições privadas estão seguindo este caminho, pois descobriram que é no desejo de crescimento, estilo jovial e mente criativa que está a chave para a evolução empresarial no país.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Senar – é uma das muitas instituições privadas que oferecem ensino profissionalizante para jovens. Voltado para jovens pertencentes a comunidades rurais, o Senar promove a inclusão social através da educação de qualidade. O instrutor senariano Raimundo Papa Júnior explica que são milhares de jovens capacitados, aptos a atuar nos diversos segmentos do empreendedorismo rural e ramos agrícolas. "Além das habilidades básicas aprendidas nos treinamentos, os alunos têm noções de cidadania, segurança no trabalho e praticam exercícios que contribuem para seu crescimento pessoal", enfatiza Raimundo.

Para que as lideranças empresariais pudessem se reunir e expor em fóruns suas opiniões, foi criada a Conaje, a Confederação Nacional dos Jovens Empresários, que tem como missão representar as entidades, e informar jovens empresários com assuntos do seu interesse, e reunir empreendedores de todo o Brasil para difundir, divulgar e fortalecer novas práticas que fortaleçam os negócios no país.

A empresária do ramo de vendas Leanny Nunes transmite bem a imagem de mulher forte e bem decidida. Apesar de pouca idade, a mineira de 24 (vinte e quatro) anos já sabe muito bem o que quer para si. Começou com uma loja de roupas para adultos e o prestígio foi tanto que Leanny abriu uma loja de confecções para crianças. Ela tem quatro funcionárias e conta que os negócios vão de vento em popa.

Joyce Nayara Rodrigues



Juniele assumiu em poucos meses as finança da empresa

Embora grande maioria dos jovens encontre dificuldades, como o desemprego, ainda mantém a esperança de conseguir um trabalho.

No Brasil, pesquisas apontam que 66% dos jovens precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar. Junielle Gonçalves Morais, 21(vinte e um) anos, faz parte dessa porcentagem. A filha mais velha da família de três irmãos é Assistente Administrativo, natural de Salinas, no norte do Estado de Minas Gerais, e mudou-se para o Triângulo Mineiro à procura de melhorias. Junielle afirma que terminou o ensino médio e tentou bolsa para uma faculdade. Conseguiu e, com muita dedicação, formou-se em Pedagogia. Mesmo não atuando na área, ela diz que não pode ficar desempregada, já que a família depende da sua ajuda e que seu maior sonho é trabalhar para si. "Moro com um irmão mais novo e uma prima. Vim para o Triângulo para subir na vida, ter meu negócio e levar conforto à minha família."

É nesse cenário social que os jovens buscam seu espaço e tentam se adaptar às exigências do mercado. Sonham alto e mostram que idade não é obstáculo para o alcance do sucesso.

●●● Em busca dos direitos

Fórum discute políticas públicas para mulheres rurais

Da Redação

A AMUR, Associação das Mulheres Rurais, iniciou os preparativos para o 1º Fórum de Políticas Públicas para as mulheres, que acontecerá dia 14 de junho de 2008, juntamente com o II Encontro da Mulher Rural, no centro de eventos da ABCZ, durante o dia todo. O Fórum tem como objetivos: contribuir para que as mulheres rurais se tornem mais conscientes de seus direitos constituconais; estimular e ampliar a sua participação política; formular, implantar e avaliar os programas sociais considerando as dimensões econômica, sociocultural e político-ambiental.

As comissões de mobilização visitaram 17 comunidades e são compostas por representantes da AMUR, Emater, Fazu e Uniube. O objetivo dessas reuniões é levantar propostas sobre : Saúde das mulheres; direitos sexuais e reprodutivos; autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania; enfrentamento à violência; Educação inclusiva e não sexista. A partir dessa discussão elaborar-se-á um documento que será debatido no fórum.

issuu-downloader.com

Entre os melhores do Brasil

Curso de Comunicação é premiado em São Paulo

Central de blogs conquista 1º lugar na categoria "Áreas Emergentes" da Expocom Sudeste

Marília Cândido

Camila Cantóia representou os colegas e conquistou o primeiro lugar com o projeto de avaliação através de blogs

Da Redação

O curso de Comunicação Social da Uniube conquistou o 1º lugar na categoria "Áreas Emergentes", modalidade "Digital", da Expocom Sudeste, uma das principais mostras competitivas de trabalhos acadêmicos do país. O trabalho vencedor foi o projeto "Webfólio: central de blogs acadêmicos", orientado pelo professor André Azevedo da Fonseca.

A aluna do curso de Jornalismo, Camila Cantóia Dorna, representou os alunos de Comunicação em São Paulo e explicou, para a banca examinadora, os detalhes da proposta desenvolvida na Uniube. Os membros da banca elogiaram a criatividade do projeto, que procura se apropriar de ferramentas gratuitas na Internet, como os blogs, RSS e o YouTube, para construir, com a participação dos alunos, um verdadeiro circuito virtual de aprendizagem.

Portfólio virtual

O Webfólio é um instrumento pedagógico que o professor André Azevedo desenvolveu no curso de Comunicação, desde 2005. Nesse espaço virtual, os alunos são estimulados a registrar seus comentários sobre as aulas, a desenvolver novas interpretações sobre os assuntos e a buscar novas referências a partir das discussões despertadas em sala. Cada estudante é responsável pelo seu próprio blog, mas também insere comentários nos blogs dos colegas.

Prêmio é um estímulo para que o curso continue investindo em metodologias inovadoras para colocar as mídias a serviço da educação

Os estudantes são orientados a utilizar diversos recursos multimídia, tal como texto, fotografias, ilustrações e vídeos, para produzir um conteúdo dinâmico e interessante. Para o professor André Azevedo, essa premiação é um estímulo para que o curso continue investindo em metodologias inovadoras para colocar as mídias a serviço da educação.

Ao conquistar o 1º lugar na Expocom Sudeste, o trabalho está automaticamente classificado para a Expocom Nacional, que será realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal (RN), no mês de setembro de 2008. Neste evento, será reunido o que há de melhor na produção universitária de todo o país.

Uniube emplacou treze finalistas

Resultado mostra a alta qualidade da produção laboratorial de alunos e professores

Da Redação

Treze trabalhos de alunos do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) foram finalistas na 2ª Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação do Sudeste (Expocom). Os produtos foram resultado de TCCs, projetos laboratoriais, trabalhos nas disciplinas e atividades complementares orientadas pelos professores de Jornalismo e de Publicidade & Propaganda. Com esse resultado, o curso da Uniube demonstra, mais uma vez, a alta qualidade da produção local. Para o coordenador do curso de Comunicação, Raul Osório Vargas, a classificação de treze trabalhos na Expocom é uma conseqüência natural de um esforço cotidiano de toda a equipe do curso para incentivar a criatividade, a reflexão crítica e a vontade de experimentar novas fórmulas de fazer comunicação social.

Confira os trabalhos selecionados:

CATEGORIA JORNALISMO
Modalidade: Impresso
Revelação: jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Uniube
Aluno líder: Graziella Tavares Santos
Prof. Orientador: André Azevedo da Fonseca

Modalidade: Audiovisual
Entre palmas e pés, um recortado de histórias
Alunos: Mário Silva Santos, César Antonio Mateus, Eduardo Idaló Rodrigues, Viviane Silva Santos
Prof. Orientador: Celi Camargo

Modalidade: Digital
Webdocumentário Convergente: Uma Missão de Fé, Amor e Caridade
Aluno: João Fabio Monte Anunciação
Prof. Orientador: Anderson Andreozi

Modalidade: Diversional
Uberaba nas ondas do rádio
Aluna: Débora Lacerda
Prof. Orientador: Mirna Tonus

CATEGORIA PUBLICIDADE E PROPAGANDA
Modalidade: Corporativa/mercadológica
Plano de Gestão Publicitária
Alunos: Luiz Hozumi, Alberto Nascimento, Fernanda Salaber, Lucília Freitas, Nicolle Pena, Paula Cunha, Rodrigo Chagas, Tiago Queiroz
Professores Orientadores: Neirimar Castilho, Blueth Sabrina, Karla Borges, Rogério Zavanella, Paulo Fernando Ventura, Mirna Tonus, Fabiano Oliveira e Wilson Oliveira.

CATEGORIA AUDIOVISUAL
Modalidade: TV e Vídeo
Programa Fábrica: um laboratório para a produção de telejornalismo
Aluna líder: Raquel Oliveira Ribeiro
Prof. Orientador: Celi Camargo

Modalidade: Educativo
Educação também é Música
Aluna: Gisele Carvalho Barcelos
Prof. Orientador: Indiara Ferreira

Um Samba para exercitar
Alunos: Nicolle Pena Moreira, Alberto Peixoto Nascimento, Fernanda Salaber Pereira, Lucilia Silva Freitas, Luiz Hozumi Nojiri Júnior, Rodrigo Chagas
Prof. Orientador: Blueth Sabrina

Modalidade: Variedades
Prato do Dia
Aluna: Marilía Rodrigues Araújo, Renê Alves Vieira
Prof. Orientador: Celi Camargo

CATEGORIA: ÁREAS EMERGENTES
Modalidade: Impresso
Inspire
Aluno líder: Diogo Paiva Gomes
Prof. Orientador: André Azevedo da Fonseca

Modalidade: Fotográfico
Orgulho do que tem no peito
Aluno: Paulo Pita
Prof. Orientador: André Azevedo da Fonseca

Modalidade: Digital
Webfolio: central de blogs acadêmicos
Aluno líder: Camila Cantóia Dorna
Prof. Orientador: André Azevedo da Fonseca

Modalidade: Lúdico
Queen of Rain - Rainha da Chuva
Aluno: Johny Daniel Silva
Prof. Orientador: André Azevedo da Fonseca

issuu-downloader.com